

O ENTRELAÇAR DO PSIQUISMO HUMANO NA LITERATURA: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO CONTO ‘OS LAÇOS DE FAMÍLIA’, DE CLARICE LISPECTOR

Maria Julia Santos Porto ¹
Elaine Nathani Medeiros Dantas ²
Millene Vasconcelos Santos Lima ³
João Pedro Wizniewsky Amaral ⁴

RESUMO

A literatura se constitui como uma das modalidades artísticas responsáveis por caminhar ao lado da humanidade durante as mais diversas fases de sua existência. Por se tratarem de produções que dão voz não apenas àquilo que foi observado no mundo que a rodeia, mas também à aspectos mais subjetivos e internos do ser humano, é inevitável que haja nos textos literários representações da psique humana. O presente trabalho tenciona analisar as personagens Catarina e Antônio do conto ‘Os Laços de Família’ (1960), de Clarice Lispector (1920-1977), a partir dos conceitos psicanalíticos presentes na Primeira e Segunda Tópica freudianas. A relação entre a representação das personagens e a teoria psicanalítica evidencia não apenas a influência das instâncias do aparelho psíquico postuladas por Sigmund Freud (id, ego e superego) em relação a outras personagens do conto, mas também conflitos entre tais instâncias. Tais conflitos se apresentam tanto de forma interna (na subjetividade de uma mesma personagem) quanto externa (nas relações para com as demais personagens). A construção desta narrativa de Clarice revela a possibilidade de mergulho na profundidade humana.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Os Laços de Família; Clarice Lispector; Psicanálise; literatura brasileira.

INTRODUÇÃO

A literatura enquanto representação dos seres humanos de todos os tempos (CANDIDO, 2011) é capaz de apresentar descrições a fundo do humano e de suas características mais profundas e intrínsecas, uma vez que através de diferentes demonstrações

¹ Graduanda do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, e-mail: majuportos@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, e-mail: elainenathani79@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, e-mail: millenevas123@gmail.com;

⁴ Orientador, professor substituto da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Doutor em Letras - Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e-mail: jpwamaral@gmail.com.

e modalidades, escritas e orais, acompanha a humanidade em seus passos pela história e pela evolução desde seus primórdios.

Sendo assim, em escritos contemporâneos, podemos encontrar representações e indícios de influências de teorias contemporâneas de análise da psique humana, visto que tal instância do ser humano ganhou notável destaque a partir do século XX com os estudos de Sigmund Freud (1856-1939) acerca da mente humana, e assim, o surgimento da psicanálise.

Clarice Lispector (1920-1977) foi contemporânea do início da psicanálise, tendo estudado sobre a área. Seus escritos, sejam os romances, contos ou ensaios, são dotados de grande profundidade, através de fluxos de consciência que permitem mergulhar nas realidades psíquicas e físicas que envolvem cada enredo e personagem. O presente trabalho é fruto das discussões realizadas na disciplina Literatura e Psicanálise do curso de Letras - Inglês da Universidade Federal de Campina Grande acerca do conto 'Os Laços de Família', parte do livro *Laços de Família* (1998) de Clarice. Propõe-se analisar, através da teoria psicanalítica que conceitua a 1ª e 2ª Tópicos de Freud, as personagens Catarina e Antônio do referido conto — cujos focos narrativos se alternam, evidenciando as diferenças de personalidade de ambas as personagens —, de modo a encontrar as representações de instâncias do aparelho psíquico descritas por Freud através de suas ações e pensamentos, além de estreitar as relações entre literatura contemporânea e psicanálise.

Primeiramente serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentaram a análise das personagens, tomando como base a teoria psicanalítica postulada por Sigmund Freud sobre as instâncias do aparelho psíquico, além da relação entre literatura e psicanálise. Em seguida, discorreremos sobre o conto 'Os Laços de família', caracterizando Catarina e Antônio física e psicologicamente, para então analisarmos suas relações com as demais personagens e as implicações destas relações para o enredo do conto de acordo com a 1ª e 2ª Tópicos de Freud.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise psicanalítica por meio da literatura

Em meados do século XIX, período em que a psicanálise estava em ascendência, Sigmund Freud (1856-1939) foi um dos pioneiros em teorizar esta área do conhecimento. Conhecido como o “pai da psicanálise”, Freud buscou beber diretamente da literatura e das artes para cunhar o saber psicanalítico, baseando-se em obras como *Édipo Rei* (429 a.C) e *Hamlet* (1601).

Segundo Dacorso (2010), em um cenário pós Primeira Guerra Mundial, artistas buscaram suporte na psicanálise por meio do desejo de transgressão à norma. Desde então, essas duas áreas, psicanálise e literatura, têm se entrelaçado e por isso é relevante mencionar que estudiosos de diversas vertentes se interessam pelo estudo psicanalítico em razão dessa interdisciplinaridade.

Considerando a forte conexão entre as duas áreas, Dacorso (2010) relata sobre um texto freudiano escrito em 1907, *Escritores criativos e devaneios*. Segundo Freud, a obra literária consiste numa forte experiência ocorrida no presente da vida do escritor, em que desperta uma memória relativa a algo de sua infância, o qual busca retratá-la por meio da produção artística. Percebe-se a influência das experiências inconscientes e subjetivas do autor em seu trabalho, tornando-se desafiadora para o crítico literário a tarefa de destrinchar e interpretar os processos pessoais ali retratados.

Dacorso (2010) menciona um trecho de Eagleton (2003) sobre a análise psicanalítica em seu livro *Teoria da literatura: uma introdução*. Para ele, esta teoria é atravessada por um processo especulativo e problemático, dado seu caráter de suposição, em que há a interferência pessoal daquele que analisa a obra (EAGLETON apud DACORSO, 2010). Por meio dos conceitos psicanalíticos, o crítico irá buscar investigá-los no texto, através do não dito, pela repetição da fala e dos acontecimentos, atos falhos da linguagem e duplicidade de sentido. Portanto, a investigação acontecerá naquilo que é subentendido.

Com o passar do tempo, a relação entre psicanálise e literatura passou por diferentes transformações e adaptações, ao ponto de poderem ser utilizados conceitos psicanalíticos em obras literárias, em análises de aspectos antes vistos como puramente literários, como por exemplo, na análise da categoria personagem. Essas mudanças em muito indicam uma necessidade de maior proximidade entre seres humanos, suas características mais intrínsecas e peculiares, e a arte, como forma de aproximar a realidade vivida além das páginas dos livros, por exemplo, do que está presente nelas através da interpretação.

A análise de aspectos literários pela psicanálise evidencia emergências de novos tempos, que refletem a mudança de sociedades em que novos assuntos se fazem mais relevantes e necessitam de atenção, como a psique e seus equilíbrios e conflitos, com uma maior abertura à subjetividade para compreensão de fenômenos que podem afetar massas inteiras, como posto por Raman Selden, Peter Widdowson e Peter Brooker na obra “*A Reader’s Guide to Contemporary Literary Theory*” (2005):

Alguns outros conceitos [...] ganharam primazia renomada, possivelmente são compatíveis com assuntos contemporâneos e com uma prontidão para aceitar e sondar incertezas de tempo, subjetividade e significado. Conceitos como estes portanto ganharam uma nova corrente crítica no contexto do pós-estruturalismo e tendências relacionadas em estudos pós-coloniais onde este interesse em fronteiras desestabilizadas e identidades é evidente. (p. 154, tradução nossa)

1ª e 2ª Tópicos de Freud

Freud foi o primeiro a tratar do aparelho psíquico como passível de ser dividido em áreas do consciente, as quais o indivíduo teria acesso imediato à mente, e em áreas do inconsciente, áreas estas que estariam inalcançáveis de imediato. Em sua 1ª Tópica utilizada entre 1900 e 1920, Freud postula a divisão do aparelho psíquico em três instâncias: *consciente, pré-consciente e inconsciente*.

O consciente se trata da parte acessível do aparelho psíquico, na qual estão os pensamentos e impressões do indivíduo sobre a realidade que o envolve (LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021). O pré-consciente se constitui como o intermédio entre consciente e inconsciente, se equilibrando entre realidade física e psíquica. Nele, as lembranças e conhecimentos podem não ser de fácil acesso ao indivíduo, porém, podem passar a ser. Neste limiar entre consciente e inconsciente, Freud caracterizava o pré-consciente como “pensamento de vigília” (FREUD, 2018, p. 450), constantemente alerta. Sua função se tratava de estabelecer relações entre as expectativas de um indivíduo, aquilo que habitava em seu íntimo (ou no inconsciente) e ao que era imposto pela realidade.

Já o chamado inconsciente é responsável por basear toda a vida psíquica de um indivíduo (FREUD, 2018), e até mesmo englobar parte do consciente. Os pensamentos conscientes que chegam à realidade necessitam fazer parte do inconsciente em algum momento de sua jornada, para que então atinjam a realidade física. Nesta instância, estariam armazenadas as memórias e informações com as quais os indivíduos teriam dificuldade em lidar, e assim foram recalçadas, enviando impulsos às outras realidades psíquicas sem que se perceba.

O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é apresentado de forma tão incompleta pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais. (FREUD, 2018, p. 544)

A partir de 1920, Freud buscou reformular a conceituação sobre as instâncias do aparelho psíquico em três diferentes níveis: *Id, Ego e Superego* (FREUD, 2018), conceitos utilizados até os dias atuais. O Id seria a primeira instância da psique, alojada no fundo do

inconsciente humano, sem contato com a realidade. Por não ter tal contato com a realidade física de um indivíduo, o Id se pauta apenas pelo princípio do prazer, impulsionado pelas chamadas pulsões (Pulsão de vida, Eros, e Pulsão de Morte, Tânatos). Tal instância não reconhece princípios, regras ou valores morais, podendo ser caracterizada como egoísta, uma vez que age a partir das próprias motivações inconscientes de um indivíduo.

A segunda instância, o Superego, seria aquela situada entre o Id e o Ego, entre inconsciente e realidade, recebendo impulsos de ambas atmosferas e assim, atuando sobre o Ego. O Superego seria formado, em um primeiro momento, a partir das primeiras repressões do Complexo de Édipo, estas vindas da figura paterna. Estas repressões são tomadas para si pela criança, fazendo com que surja nela mesma uma instância que busca reprimir comportamentos assim como o pai lhe reprimiu, como podemos ver em:

Os pais da criança, e especialmente o pai, eram percebidos como obstáculo a uma realização dos desejos edipianos, de maneira que o ego infantil fortificou-se para a execução da repressão erguendo esse mesmo obstáculo dentro de si próprio. Para realizar isso, tomou emprestado, por assim dizer, força ao pai, e este empréstimo constituiu um ato extraordinariamente momentoso. (FREUD, 1996, p. 21)

A terceira e última instância, então, seria o resultado das pulsões do Id e do Superego, chamada Ego. Esta apresentaria as ações do indivíduo após receber as forças inconscientes das duas instâncias anteriores, seria resultado também dos impulsos do Id reprimidos pelas forças externas da sociedade (Superego). O Ego também pode ser caracterizado como funcionando como antena receptora do meio que rodeia o indivíduo, para assim, enviar sinais e mensagens às outras instâncias que, em equilíbrio ou não, atuarão guiando as ações do ser humano.

Quando estas estruturas não se equilibram entre si, é que nascem os conflitos da psique de um sujeito, a partir “da relação entre as estruturas do inconsciente, pois nelas são armazenados os nossos principais desejos, nossas repressões e nossas frustrações” (LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021, p. 257).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como mencionado anteriormente, nossa análise se dá a partir do conto ‘Os Laços de Família’ de Clarice Lispector, parte do livro *Laços de Família* (1960). A narrativa acompanha o breve acontecimento da viagem da mãe da personagem Catarina, Severina, e os desdobramentos da relação das duas personagens em suas atitudes, relações e pensamentos,

enquanto Catarina acompanha a mãe até a estação de trem em uma despedida. Após a partida de Severina, no retorno de Catarina à sua casa, ocorre a troca do foco narrativo para Antônio, seu marido, e a partir disso, o leitor acompanha os efeitos das ações e da personalidade das personagens sobre seus próprios pensamentos e atitudes e sobre as atitudes recebidas pelas outras, em uma narrativa que se faz presente entre o limiar da consciência e da realidade das personagens.

A fim de ter um melhor entendimento das personagens sob o viés psicanalítico, é primordial observar suas características físicas e, principalmente, psicológicas. No conto ‘Os Laços de Família’, Clarice escreve dois narradores contrastantes entre si, que juntos, unem as peças de quebra-cabeça da narrativa como um todo.

Caracterização das personagens

No conto, Clarice Lispector descreve as personagens de modo que as desenha para o leitor com nitidez. Todavia, essa caracterização também abre portas para uma análise mais profunda do psíquico, já que em muito reflete sobre seus pensamentos e identificações.

Fisicamente, a personagem Catarina, cujo foco narrativo inicia o conto, é descrita como estrábica, cabelos curtos pintados de acaju, um pouco pesada de corpo, andava rolando os quadris e ria pelos olhos. No começo, quando ainda estava na companhia da mãe, as descrições soavam mais contidas, porém eventualmente ela “recuperara o modo firme de caminhar” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Mostra, assim, os primeiros aspectos do efeito opressor que sua progenitora tinha sobre ela, como é perceptível notar também no trecho “[...] parecia disposta a usufruir da largueza do mundo inteiro, caminho aberto pela sua mãe que lhe ardia no peito” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Dessa forma, o que é perceptível fisicamente também se nota no plano psicológico da narração. Catarina, como oprimida, estranha as interações entre seu marido e sua mãe, assim como a proximidade física repentina entre elas. Quando livre, vai para seu apartamento e tem uma súbita mudança de pensamento ao ouvir seu filho chamá-la de mãe, como uma epifania, demonstrando certa vulnerabilidade e segurança ao mesmo tempo, coisas que não pareciam presentes em seu comportamento anteriormente. O trecho: “A mulher continuou a sacudir a toalha com violência e perguntou-se a quem poderia contar o que sucedera, mas não encontrou ninguém que entendesse o que ela não pudesse explicar” (LISPECTOR, 1998, p. 70), já que ninguém na sua vida se disponibilizaria a ouvi-la e compreendê-la.

Antônio, o segundo foco narrativo, é brevemente descrito fisicamente, apenas em comparação com a mãe de Catarina, quando é visto como moreno e miúdo. Essa miudeza

pode ser vista como relacionada ao fato de ele não ser capaz de exercer todo seu poder em sua própria casa enquanto Severina estava presente.

No entanto, características psicológicas de Antônio demonstram ser mais opressoras e autoritárias. Percebe-se seu desejo de controlar sua esposa e seu filho, ao ponto de desesperar-se quando ambos estão fora de seu alcance. O foco narrativo de Antônio também deixa claro como ele aproveitava diferentes oportunidades para podar a autoestima de Catarina tratando-a muito mal, como pode ser visto no trecho: “Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la? no entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa.” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Análise psicanalítica

Durante o foco narrativo de Catarina, o leitor tem acesso a muitos de seus pensamentos mais profundos, que além de revelarem algumas memórias de seu passado, estabelecem uma espécie de conversa com os acontecimentos do presente, enquanto leva sua mãe à estação de trem. Essa ponte entre passado e presente possibilita uma melhor compreensão sobre as forças externas que sempre exerceram suas pressões sobre Catarina, e que em muito influenciaram suas formas de agir.

É possível afirmar que, dentre as três estruturas do aparelho psíquico postuladas por Freud, Catarina poderia representar o chamado Ego. As ações da personagem são resultado de muitas repressões ao longo de sua vida, as primeiras delas vindas de sua mãe. Ainda que nenhuma reprimenda Severina seja de fato explicitada no curto período de duração da narrativa, o fato desta ser muitas vezes o foco dos olhares de Catarina ao descrever certas cenas como a despedida de Severina e Antônio — a ponte entre forças da realidade e as impressões interiores de Catarina —, e a mudança de comportamento que ocorre na personagem principal logo após sua partida revelam muito mais ao leitor que apenas a aparência da personagem, sua descrição como estrábica ao rir pelos olhos, ou como pesada de corpo. Após a despedida de Severina, Catarina é descrita como tendo recuperado o modo firme de andar, pois, “sozinha era mais fácil” (LISPECTOR, 1998, p. 69). Entende-se a forma como Severina exerce a função de Superego sobre sua filha no exato momento em que ela parte e Catarina pode ao menos caminhar à própria maneira, não mais estando sobre as ondas repressivas da mãe.

Também é possível notar como Catarina se sente ao agir por si própria, livre de forças externas por breves momentos a partir da forma como passa a enxergar seus arredores de

forma mais leve e própria. Ela passa a colocar a si mesma no centro de suas percepções, nem mesmo relembando os eventos que acabaram de ocorrer com sua mãe, apenas pensando em si mesma e na forma como o mundo ao seu redor parecia refletir a felicidade que sentia por dentro, como no trecho “E de tal modo haviam-se disposto as coisas que o amor doloroso lhe pareceu a felicidade – tudo estava tão vivo e tenro ao redor, a rua suja, os velhos bondes, cascas de laranja – a força fluía e refluía no seu coração com pesada riqueza.” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

Ao voltar para casa, a primeira pessoa que Catarina encontra é Antônio. Porém, enquanto o leitor ainda acompanha seu foco narrativo, seu olhar e mente e como estes apreendem a realidade, nota-se que ela continua a agir como se estivesse livre daquele que representaria o chamado Superego.

Neste primeiro e breve encontro entre Catarina e Antônio, no entanto, já é possível encontrar evidências da estrutura do aparelho psíquico representada por Antônio, quando Clarice expõe um detalhe sobre as tardes de sábado e o que elas representam: “Antônio mal levantou os olhos do livro. A tarde de sábado sempre fora “sua”, e, logo depois da partida de Severina, ele a retomava com prazer, junto à escrivainha” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

De imediato, Catarina se dirige até o quarto do filho, caracterizado apenas como magro e nervoso, exato e distante. Catarina sente-se aliviada ao encontrar o garoto, deixando-se levar por impulsos de sacudir uma toalha e impedir a visão do filho do resto do quarto, fazendo com que ele respondesse às suas ações chamando-a de mamãe. Neste momento, as próprias forças de Catarina — o Ego —, livres da repressão do Superego, parecem encontrar diretamente o Id, caracterizado como seu filho.

Com os olhos sorrindo de sua mentira necessária, e sobretudo da própria tolice, fugindo de Severina, a mulher inesperadamente riu de fato para o menino, não só com os olhos: o corpo todo riu quebrado, quebrado um invólucro, e uma aspereza aparecendo como uma rouquidão. (LISPECTOR, 1998, p. 70)

Catarina e o garoto então passam correndo por Antônio, avisando-o que estão de saída para um passeio. É então que ocorre a troca do foco narrativo para o homem, que não demora a demonstrar sua insatisfação com a súbita saída de Catarina e seu filho: “Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado.” (LISPECTOR, 1998, p. 70). Antônio ainda tenta chamar Catarina, mas a cada linha, ela e o garoto estão mais distantes do apartamento e de poderem ouvir Antônio, e mais distantes daquele que representa o Superego em um segundo momento da narrativa.

Antônio aparenta estar indignado com o fato de Catarina e o filho estarem fazendo algo fora do comum, diferente do que constituiria um de *seus* sábados, como se não apenas o dia de descanso lhe pertencesse, mas também a forma como desejava que sua família deveria estar em casa, como era de sua vontade. Antônio passa a se ver impotente, como o Superego incapaz de reprimir o Id que Catarina e o filho representam naquele momento, e é então que o leitor tem acesso a muitos de seus pensamentos mais profundos, que auxiliam na compreensão da personagem como tal estrutura do aparelho psíquico.

Outro trecho do conto que evidencia a possibilidade de representação de Antônio como o Superego está em meio aos pensamentos da personagem sobre a influência de Catarina sobre seu filho como algo negativo, algo que o preocupava e que enxergava como errado, passível de ser repreendido. Como mencionado anteriormente, o Superego, segundo Freud, seria a estrutura do aparelho psíquico formada a partir da repressão causada pela figura do pai no Complexo de Édipo, sendo o próprio pai possuidor de características de Superego que viriam a ser assimiladas pela criança.

O marido repetiu-se a pergunta que, mesmo sob a sua inocência de frase cotidiana, inquietou-o: aonde vão? Via preocupado que sua mulher guiava a criança e temia que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse a seu filho... mas o quê? “Catarina”, pensou, “Catarina, esta criança ainda é inocente!” Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem. (LISPECTOR, 1998, p. 71)

A caracterização do Superego também ressurge quando Antônio menciona as humilhações que costumava causar à Catarina, sendo estas responsáveis por moldar a forma como ela se mostrava feminina, como se ele tivesse controle sobre isso de modo a resultar em um relacionamento aparentemente pacífico entre os dois: “Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria – sem rancor? Talvez de tudo isso tivessem nascido suas relações pacíficas” (LISPECTOR, 1998, p. 71).

A última das determinações de Antônio se dá no último parágrafo do conto, quando, apesar de todos os seus conflitos internos em relação ao passeio impulsivo e inesperado de Catarina e seu filho, ele toma uma decisão: “Depois do jantar iremos ao cinema”, resolveu o homem.” (LISPECTOR, 1998, p. 71), determinando por si só os planos para a noite de toda a família sem consultá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desta narrativa curta de Clarice revela a possibilidade de mergulho na profundidade humana através da literatura. As personagens de ‘Os Laços de Família’ permitem uma interpretação que evidencia a influência das instâncias do aparelho psíquico postuladas por Sigmund Freud (Id, Ego e Superego) em relação às demais personagens do conto, além de demonstrar os resultados dos conflitos entre tais instâncias, tanto de forma interna (na subjetividade de uma mesma personagem) quanto externa (nas relações para com as demais personagens).

REFERÊNCIAS

BROOKER, Peter; SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter. **A Reader’s Guide to Contemporary Literary Theory**. London: Pearson, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DACORSO, Stetina Trani de Meneses e. **Psicanálise e crítica literária**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 33, p. 147-154, jul. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FREUD, S. **Interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O ego e o id e Outros Trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LEITE, Renata Franco; MACEDO, Fernanda Nunes; ANDRADE, Sara Bezerra Costa. **Psicanálise: uma revisão didática sobre as principais contribuições de Freud**. Estudos de Psicanálise, Rio de Janeiro, n. 55, p. 255-260, jul. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.